

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CRISTINA FERREIRA DE ARAUJO

**MANIFESTAÇÕES SEXUAIS INFANTIS: ALGUMAS REFLEXÕES
PARA PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

URUAÇU-GO
DEZEMBRO/2016

CRISTINA FERREIRA DE ARAUJO

**MANIFESTAÇÕES SEXUAIS INFANTIS: ALGUMAS REFLEXÕES
PARA PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte das exigências do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia do Campus Universitário de Uruaçu, da Universidade Estadual de Goiás, sob a orientação da professora Ma. Cláudia Regina Vasconcelos Bertoso Leite.

URUAÇU-GO
DEZEMBRO/2016

CRISTINA FERREIRA DE ARAUJO

**MANIFESTAÇÕES SEXUAIS INFANTIS: ALGUMAS REFLEXÕES
PARA PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia, do Campus Universitário de Uruaçu, da Universidade Estadual de Goiás - UEG, para obtenção do título de graduado (a), aprovada (a) em ____ de _____, de 2016, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof.Ma. Cláudia Regina Vasconcelos Bertoso Leite- UEG
(Professor/a orientador/a)

Prof.Me. Robson Luís de Araújo – UEG

MEMBRO DA BANCA ARGUIDORA

Prof^a. Esp. Rosângela Xavier Tavares – UEG

MEMBRO DA BANCA ARGUIDORA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, que me deu forças para vencer mais este desafio. Aos meus familiares e amigos que me apoiaram e incentivaram na busca de novas aprendizagens.

A Deus por ter me dado o dom da vida, saúde, inteligência, perseverança e paciência para alcançar meus objetivos e sonhos. À minha orientadora, Prof^a Cláudia Regina Vasconcelos Bertoso Leite pela dedicação e sabedoria com que conduziu este trabalho. A todos os professores da UEG que muito contribuíram para a minha formação. A todos os meus amigos e colegas que sempre me apoiaram nesta caminhada em busca do conhecimento. A todos que direta ou indiretamente participaram na conclusão desse sonho que se tornou realidade.

“A infância é a idade do possível, pode-se projetar sobre ela a esperança da mudança, de transformação social e renovação moral” (KISHIMOTO, 2000, p. 19)

RESUMO

A temática abordada neste estudo é a sexualidade na Educação Infantil, haja vista a dificuldade que os educadores encontram em lidar com as manifestações de sexualidade das crianças pequenas de 4 a 5 anos durante as brincadeiras, os momentos de socialização, recreação, as atividades pedagógicas e rotinas diárias. O objetivo geral que norteou as investigações é compreender como lidar com a questão da sexualidade com crianças pequenas na instituição de Educação Infantil. Espera-se, ainda, alcançar outros objetivos específicos como: averiguar a concepção do educador sobre sexualidade da criança pequena no ambiente de Educação Infantil; identificar a postura do professor diante do tratamento da temática sobre sexualidade nesta etapa de ensino e analisar se os professores se consideram capacitados para trabalhar sobre esse tema com as crianças desta faixa etária. Por fim, constituir uma discussão teórica que fundamente uma orientação ao professor dessa etapa educativa. A metodologia adotada na elaboração do mesmo foi a pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritiva. A pesquisa bibliográfica foi essencial para construção de um referencial teórico consistente e posteriormente, analisar os dados coletados na pesquisa de campo confrontando a teoria encontrada na literatura com a realidade apreendida nos CMEI – Centros Municipais de Educação Infantil do Município de Uruaçu – GO. Como campo de pesquisa foram escolhidas três instituições de Educação Infantil públicas. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário com perguntas abertas, aplicado aos educadores das instituições escolhidas como campo de observação. Os dados coletados foram analisados e interpretados a partir da análise de conteúdo. A relevância dessa pesquisa se deve ao fato da mesma servir de referência para os educadores que atuam neste segmento educacional, uma vez que, a maioria dos professores não se sente qualificados ou confiantes para trabalhar a orientação sexual com crianças pequenas.

Palavras-chave: Sexualidade. Orientação Sexual. Criança. Professor. Educação Infantil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 Sexo, Sexualidade e Orientação Sexual na Educação Infantil.....	10
2.1 Sexualidade Infantil e Orientação Sexual.....	10
2.2 Contexto e Regulamentações da Educação Infantil.....	11
2.3 A criança de 4 a 5 Anos e o Sexo.....	14
2.4 Sexualidade e Educação Infantil.....	18
2.5 Manifestações da Sexualidade e a Educação Sexual da Criança Pequena....	19
2.6 Manifestação de Sexualidade Infantil e a Instituição Educacional.....	21
2.7 A Orientação Sexual na Formação de Professores da Educação Infantil.....	23
2.8 O professor no Complexo Papel da Orientação Sexual da Criança Pequena	25
3. Manifestações da Sexualidade Infantil em Instituições de Educação Infantil: Uma Pesquisa a Partir do Olhar do Professor.....	27
3.1 Metodologia da Pesquisa.....	27
3.2 Metodologia de Análise dos Dados.....	28
3.3 Campo da Pesquisa.....	29
4 Manifestações Sexuais Infantis: Algumas Reflexões para o Professor da Educação Infantil.....	31
4.1 Descrição e Análise dos Dados.....	31
5 Considerações Finais.....	45
6 Referenciais Bibliográficos.....	47
7 Anexos.....	51

INTRODUÇÃO

Este estudo versa sobre a sexualidade na Educação Infantil. A motivação para aprofundar nesta temática surgiu a partir do Estágio Supervisionado realizado no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Dorica Vieira Borges em 2015.

Durante as observações foi possível apreender as manifestações de sexualidade das crianças pequenas de 4 a 5 anos reveladas nas brincadeiras, nos momentos de socialização e recreação e às vezes, até mesmo nas salas dos agrupamentos, durante as atividades pedagógicas.

A postura dos educadores frente a estas situações era bastante diversificada, pois, alguns pareciam ignorar, outros encaravam com naturalidade, enquanto alguns adotavam uma atitude punitiva e de repreensão com as crianças.

Partindo desse contexto, instigou-se a necessidade de aprofundar nesta temática com o objetivo de compreender como lidar com a questão da sexualidade na instituição de Educação Infantil.

Como objetivos específicos espera-se ainda, averiguar a concepção do educador sobre sexualidade da criança pequena no ambiente de Educação Infantil; identificar a postura do professor diante do tratamento da temática sobre sexualidade nesta etapa de ensino e analisar se os professores se consideram capacitados para trabalhar sobre esse tema com as crianças desta faixa etária. Por fim, constituir uma discussão teórica que fundamente uma orientação ao professor dessa etapa educativa.

Na elaboração deste estudo a metodologia utilizada foi a pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritiva. A pesquisa bibliográfica foi essencial para construção de um referencial teórico consistente e posteriormente, foi adotada a pesquisa de campo para confrontar a teoria encontrada na literatura com a realidade apreendida nos CMEI – Centros Municipais de Educação Infantil do Município de Uruaçu – GO.

Como campo de pesquisa foram escolhidas três instituições educacionais públicas, sendo elas: Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Dorica Vieira Borges, Centro Municipal de Educação Infantil Talita Fernandes Guimarães e Centro Municipal de Educação Infantil Odete de Freitas Camapum.

Este estudo mostra que embora a sexualidade seja um tema importante e relevante para a formação e desenvolvimento da criança, ainda hoje é um assunto

considerado tabu pela família e muitas vezes ignorado pelo educador que não sabe como esclarecer positivamente aquela curiosidade ou comportamento da criança. Contudo, verificou-se que as questões sobre sexualidade encontradas fazem parte da vida do indivíduo e que ao ignorar as questões manifestadas sobre a sexualidade da criança estão lhes transmitindo um conceito, mesmo que seja negativo.

2 SEXO, SEXUALIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1 Sexualidade Infantil e Orientação Sexual

Este trabalho tem como objetivo geral analisar as manifestações de sexualidade das crianças do CMEI e como os professores têm agido frente a estas questões. Sendo assim, esse estudo pretende contribuir com os educadores que trabalham com a Educação Infantil, apresentando algumas possibilidades de trabalho relacionadas à sexualidade infantil.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1975, a sexualidade é tomada como parte constituinte da personalidade de cada um, portanto, definida como uma necessidade básica da pessoa e intimamente ligada a todos os outros aspectos da vida humana. Segundo a OMS (1975) é preciso ampliar esse conceito e compreender que “a sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo”. (OMS, 1975, *apud* PCN, 1997, p. 295).

Seguindo essa definição, o documento da OMS (1975) mostra que desde o nascimento a criança possui percepção sensorial, e é através do corpo que ela interage com o mundo. Esses momentos se dão no cotidiano, como por exemplo, através do toque do banho, na amamentação, dos carinhos familiares, e outras manifestações de cuidados e afetividade. Tudo isso faz com que a criança sinta prazer e se sinta viva, construindo e desenvolvendo as primeiras sensações eróticas resultantes da capacidade de sentir.

Conforme explica Garcia (2002), a compreensão sobre a sexualidade tem sofrido mudanças significativas no decorrer da história da humanidade, uma vez que seus significados são passados de geração a geração e são influenciados por fatores culturais e ideológicos de cada civilização.

Nesses estudos, compreendeu-se que a sexualidade influencia a formação dos indivíduos, desde a mais tenra idade, considerando os diversos segmentos sociais como a família, a escola, a igreja, dentre outros na constituição de sua formação integral, portanto, também da sua sexualidade.

Na sua relação diária com outras pessoas, a criança pode ser influenciada nas suas escolhas e na construção de sua identidade, seu gênero e seus comportamentos, haja vista que a interação com o mundo como apontou Garcia (2002) lhe proporciona uma diversidade de experiências e possibilidades.

Ampliando esse conceito, os estudos de Kupermann (1999) defende que a sexualidade humana ultrapasse a conceituação biológica e instintiva.

[...] a sexualidade humana se constitui através da gradativa erogenização do corpo pulsional, um processo a rigor interminável, havendo sempre a promessa e a possibilidade da constituição de experiências inéditas de obtenção de prazer, [...] chupar o dedo ou outras partes do corpo, controlar as funções intestinais e mesmo brincar com as próprias fezes, masturbar-se, ter curiosidade em observar os órgãos sexuais de alguém ou em exibir o próprio corpo, a agressividade sádica e várias outras manifestações habituais da infância, cujo sentido maior é o fato de que elas trazem satisfação à criança, são o protótipo dos comportamentos “perversos” encontrados em certos adultos e, também, a origem das preliminares ao ato sexual “normal” (KUPERMANN, 1999, p.77).

Como mostra Kupermann (1999), as manifestações sexuais das crianças se relacionam com a curiosidade em conhecer aquilo que é novo, desconhecido. Assim, as crianças vão construindo seus significados sobre sexualidade na relação individual e social cotidiana com as outras crianças e também com os adultos que convivem durante os seus primeiros anos de vida.

Segundo esse autor, as manifestações sexuais têm seu começo na infância, mas quando as mesmas não são compreendidas, resultam em interpretações errôneas, carregadas de ideologias e rótulos, que podem interferir de forma negativa na formação da criança.

Assim, é imprescindível o trabalho sobre a orientação sexual, tanto no ambiente familiar quanto da instituição educativa. Instituição essas, primeiras a compor o *holding* de convivência das crianças pequenas.

2.2 Contexto e Regulamentações da Educação Infantil

Com a promulgação da Constituição Federal, em 1988, a educação passa a ser reconhecida como um direito de todas as crianças e um dever do Estado, aumentando o número de escolas, de faixa etária atendida e visando melhorar, também, a formação dos profissionais.

Tal documento assegura em seus artigos 6º, 7º, 208, 211 e 227, a criança como prioridade absoluta e sujeita de direitos, o que vem gerar um movimento social em defesa das crianças e adolescentes iniciadas no final da década de 70. Essa nova realidade mostrou a necessidade de lançar um novo olhar à infância, em

virtude da nova realidade vivenciada no mundo do trabalho, na família, na sociedade, nas cidades, assim, do reconhecimento da importância da Educação Infantil para o desenvolvimento do ser humano.

Na década de 90, a promulgação do ECA (Estatuto da criança e do Adolescente) veio reafirmar e concretizar os direitos da criança representando uma grande conquista para a educação. Em seu artigo 53, faz referência à contribuição da educação no desenvolvimento pleno da pessoa, na conquista da cidadania e na qualificação para o trabalho, além de destacar aspectos fundamentais da educação enquanto política pública, no que se refere à igualdade de condições para o acesso à escola pública. Já o artigo 54 estabelece a obrigatoriedade do estado no atendimento às crianças de 00 – 06 anos em creches e pré-escolas e incentiva a instituição dos Centros Municipais de Educação Infantil .

Em complemento ao ECA (1990), surge em 1993 o LOAS (Lei Orgânica de Assistência Social), reafirmando o papel do Estado na atenção e cuidado à infância em seu artigo 2º preconiza que “a assistência social tem por objetivos: I) a proteção à família, à maternidade, à velhice; II) amparo à crianças e adolescentes carentes”. O artigo 4º enfatiza “a universalização dos direitos sociais e a importância da integração das políticas de educação, saúde e assistência”.

É preciso compreender que a evolução da história da Educação Infantil no Brasil ocorreu em função das transformações da vida social, pois conforme afirma Kulhmann (2001, p. 16), as instituições de educação da criança pequena estão em estreita relação com as questões que dizem respeito à história da infância, da família, da população, de urbanização, do trabalho e das relações de produção.

O atendimento à infância anterior à Constituição de 1988 apresenta um caráter de assistência social, pois

[...] o direito à educação para crianças de 0 a 6 anos só foi conquistado a partir da Constituição Federal de 1988 e das legislações subsequentes. Ele é resultado de lutas sociais das mulheres das periferias urbanas, das feministas e dos trabalhadores em geral. Com isto, a criança adquire o direito de frequentar instituições especialmente organizadas para a educação e o cuidado em função do seu período peculiar de desenvolvimento, com profissionais qualificados e em ambientes que respeitem e possibilitem à criança viver o seu tempo de infância (PROINFANTIL, 2005, vol. 2, p. 21).

Dessa forma, a expressão “educação infantil” só foi reconhecida legalmente como direito educacional através da Constituição Federal de 1988. A creche e a pré-escola destacaram-se no século XX como instituições de atendimento à infância, muito embora caracterizassem tipos diferenciados de atendimento em função da classe social de sua clientela, pois a primeira evidenciava um cunho assistencial – custodial e a segunda apresentava objetivos educativos e pedagógicos.

A partir desta época os movimentos sociais em defesa dos direitos da criança e do adolescente crescem de forma substancial, os quais são contemplados com a Lei nº 8.069/90 (ECA), que reitera a criança como sujeito de direitos. Hoje o atendimento em creches (para crianças de 0 a 3 anos) e da pré-escola (4 a 6 anos) é abrangida pelo termo Educação Infantil.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96), reconhece no artigo 21, a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, referindo-se também a esse segmento nos artigos 29, 30 e 31.

A LDB reconhece a Educação Infantil, diferenciada das demais etapas da Educação Básica exclusivamente pela faixa etária, mas com igualdade de objetivos e responsabilidades condizentes aos cuidados e educação das crianças.

Portanto, a Educação Infantil precisa assegurar à criança o seu desenvolvimento integral, oportunizando-lhe todas as condições fundamentais para se tornar um adulto autônomo e consciente de sua função social.

Além disso, apresenta as funções de “cuidar e educar” como práticas inseparáveis na Educação Infantil, eliminando o caráter assistencialista da creche e o educativo à pré-escola. Para Stefani, com a LDB,

Terminou finalmente a idéia de que o objetivo das creches é apenas cuidar da criança enquanto a mãe trabalha... terminou a idéia de que a Pré-escola é um período preparatório para a “escola de verdade” que acontece após os sete anos... terminou a idéia de que os educadores dessas crianças podem ser qualquer pessoa, que funcione apenas como pajem de crianças, não importando seu preparo, seu perfil, sua formação! (STEFANI, 2000, p.11).

Para a autora, a partir da promulgação da LDB96, a criança deveria frequentar a Educação Infantil para receber a educação a que tem direito, desenvolver seu potencial tão rico nesta faixa etária.

Uma das principais razões para a opção de passar a Educação Infantil como componente da Educação Básica se deve à convicção de que tudo o que se refere à

criança pequena ser formador da pessoa, organizador de seus esquemas afetivos, sociais e cognitivos e, portanto estruturador de sua personalidade, assim como de sua futura atuação no exercício de sua cidadania (STEFANI, 2000).

A mudança de denominação de creche para Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) foi prevista na LDB, mas somente em 2005 foi concretizada. O reconhecimento da criança como ser histórico e social veio ampliar a importância da Educação Infantil para o desenvolvimento humano, uma vez que assume responsabilidades antes exclusivas do Ensino Fundamental.

Assim, o educar, o cuidar e o brincar devem circundar a formação da criança por meio do currículo que deve ter acesso no CMEI e ser objeto de preocupação das políticas públicas para a formação dos profissionais dessa etapa.

2.3A criança de 4 a 5 Anos e o Sexo

A formação da personalidade da criança e sua evolução emocional têm início no começo de sua vida. Para compreender as possibilidades da criança, seus anseios e suas necessidades é impossível ignorar o que ocorre desde os primeiros dias de vida.

Segundo Winnicott (2008, p. 116), “os sentimentos e pensamentos que podem convenientemente serem denominados sexuais aparecem numa idade prematura, muito mais cedo do que era admitido na filosofia dos nossos avós.”

Assim, na visão desse autor, nas corriqueiras brincadeiras de pais e mães realizadas pelas crianças, de forma inocente, pode-se perceber alguns sinais que apontam para um comportamento sexual adulto, pois elas captam do seu contexto familiar esses símbolos. Nessas brincadeiras, as crianças demonstram a vontade de imitar os pais, ou as pessoas adultas que fazem parte do seu convívio.

Através das brincadeiras, as crianças demonstram como se organiza um lar e incorporam os papéis dos pais, assumindo as funções que reconhecem ser genuínas do pai e da mãe com relação à casa e aos filhos. Enquanto brincam de forma saudável, passam por processos complexos de desenvolvimento e formação da personalidade.

Conforme Winnicott (2008), o psicanalista Sigmund Freud foi responsável por alertar estudiosos e educadores sobre a importância da sexualidade infantil. Seus estudos têm como referência a análise sistemática do comportamento dos

adultos com base na infância, visto que concluiu que os fundamentos da vida sexual ou as dificuldades sexuais do indivíduo têm suas origens na infância, especialmente no período entre dois e cinco anos.

Em seus estudos Freud percebeu existir uma situação triangular no ambiente familiar, onde o menino demonstrava amor pela mãe e sentia raiva do pai, que era visto como um rival sexual. Essa situação se repetia com vários meninos e não permanecia apenas nas fantasias de crianças, pois era acompanhada de elementos sexuais como excitação, ereções e outras manifestações de cunho sexual. Essa situação foi denominada na psicanálise freudiana de “Complexo de Édipo” (FREUD, 1976).

Essa teoria apresentada por Freud (1976) encontrou muitas resistências e críticas por parte de estudiosos e psicólogos, pois não é possível generalizar o comportamento dos meninos, haja vista que enquanto uns demonstram amor pelas mães e raiva dos pais, apresentando interesse em se casar com as mães, outros sabem lidar de forma diferente com a situação. Estes últimos até demonstram francamente o amor aos pais, sem qualquer sentimento de rivalidade com a figura paterna (FREUD, 1976).

Por outro lado, segundo Winnicott (2008), a teoria de Freud relaciona que as meninas, quando pequenas se apaixonavam pelos pais, odiando e temendo as mães, que eram vistas como rivais. Essa hipótese explicaria o motivo de muitas mulheres adultas não se firmarem em relacionamentos amorosos duradouros e encontrarem muitas dificuldades sexuais na vida adulta. Na análise dessas questões, para Winnicott (2008, p. 169), “tanto a menina como o menino, possuem sentimentos sexuais físicos apropriados ao tipo de fantasia”.

A identificação heterossexual na infância, demonstrada a partir da predileção pelo sexo oposto dos progenitores é de suma importância para o desenvolvimento da criança. Segundo Winnicott (2008), “no período do “latente”, entre a primeira fase sexual e a adolescência, as identificações cruzadas são especialmente importantes” (WINNICOTT, 2008, p. 170).

Segundo esses autores, as aberrações e anormalidades sexuais apresentadas na vida adulta têm também suas origens e explicações na infância. É importante ressaltar que a base da saúde sexual está na infância, com consequências posteriores na puberdade.

Dessa forma, e também em acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (2010), quando enfocam a brincadeira como centro organizador do currículo a ser trabalhado na Educação Infantil, evidenciam o quanto é preciso observar as brincadeiras infantis. Geralmente, nas brincadeiras revelam-se ideias e simbolismos sexuais que não devem ser inibidos de forma agressiva e punitiva para não gerar traumas e frustrações, pois neste período da vida está sendo construída também a saúde mental da criança.

Não existe uma definição precisa de brincadeira sexual. Segundo o Winnicott (2008) “a excitação sexual é uma coisa e o desempenho de fantasias sexuais é outra. A brincadeira sexual com excitação corporal é um caso especial e na infância o resultado é suscetível de se apresentar bastante difícil” (p.170).

Geralmente, em casos de excitação corporal, o resultado da brincadeira se dá a partir de uma reação de agressividade, seguida de frustração e não de alívio da tensão instintiva. Isso acontece pelo fato da criança não compreender as reações apresentadas pelo próprio corpo e pelo fato de não conseguir controlar tais reações.

Existem muitas brincadeiras sexuais relacionadas a determinadas fantasias sexuais, porém é errôneo afirmar que as crianças de quatro a cinco anos só pensam em sexo, porém, de acordo com o estudo desses autores, uma criança inibida sexualmente certamente será um adulto inibido e problemático.

Também para Winnicott (2008) o tema da sexualidade infantil não aceita, simplesmente, ser confinado de um modo rígido à excitação dos órgãos sexuais e à fantasia que acompanha tais excitações. Em suas palavras:

Ao estudar a sexualidade infantil é possível distinguir a maneira como a excitação mais específica é composta de excitações corporais de todos os tipos, alcançando os sentimentos e ideias mais amadurecidos e facilmente reconhecidos como sexuais. Pode-se afirmar que a capacidade de excitação sexual, em ambos os sexos, está presente desde o nascimento, mas a capacidade primária de partes do corpo para a excitação tem um significado limitado enquanto a personalidade da criança não tiver sido integrada, podendo-se dizer que só a criança como pessoa integral é excitada dessa maneira específica (WINNICOTT, 2008, p. 173).

Aqui, nota-se que a criança pequena, na formação de sua sexualidade, pode ter excitação manifesta na ereção de seu órgão genital, mais perceptível nos meninos, constantemente como uma capacidade primária, ou seja, como reação de diversos tipos de sentimentos e ideias.

Ao analisar a temática sobre a sexualidade infantil deve-se considerar a questão da masturbação, visto que é um assunto com diversas possibilidades de estudo e sempre questionada por professores ao se depararem com essa prática no ambiente educativo.

A masturbação, conforme Winnicott (2008) por si só, não representa um problema, ou comportamento infantil desajustado, visto que desde o nascimento a criança encontra prazer e satisfação em tocar seu próprio corpo. Precisar conhecer seu corpo e suas possibilidades de conforto e satisfação estão associadas ao toque. Durante toda a infância, a criança sente necessidade de obter satisfação do próprio corpo, desde ações simples como chupar o dedo e defecar até o manuseio do pênis. Com as meninas também acontecem manifestações correspondentes.

Já a masturbação compulsiva precisa ser devidamente analisada, pois indica que algo não vai bem com a criança, que está angustiada e precisando de ajuda ou que precisa de mais cuidados e atenção por parte de seus familiares.

Sobre isso, Winnicott pondera:

A masturbação é normal ou saudável, ou então é um sintoma de um distúrbio no desenvolvimento emocional. A masturbação compulsiva, tal como o atrito compulsivo das coxas, o roer das unhas, o balançar ou rodar a cabeça, o chupar o dedo e coisas parecidas são provas evidentes de uma angústia de uma ou outra espécie. Se for gravemente compulsiva, quer dizer que está sendo empregada pela criança em seus esforços para enfrentar a angústia de um tipo mais primitivo ou psicótico, como seja, o medo de desintegração da personalidade, de perda do sentido do corpo ou perda de contato com a realidade externa (WINNICOTT, 2008, p. 177).

Sendo assim, se a masturbação não se enquadra neste aspecto compulsivo, à medida que se desenvolve, a criança vai aprendendo a lidar com essas manifestações de excitação e o tipo de excitação sexual vai adquirindo importância em relação a outras manifestações e a criança saudável torna-se capaz de controlar e dominar suas reações, afinal, muitas ereções infantis não estão relacionadas à prática sexual. Somente com o amadurecimento da pessoa integralmente, firma-se a capacidade de ereção ligada a sentimentos e ideias específicos.

2.4 Sexualidade e Educação Infantil

A sexualidade está presente na vida do ser humano desde seu início podendo, suas manifestações, serem percebidas por seus familiares e demais pessoas que a cercam com mais possibilidade, tanto no ambiente familiar como escolar.

Na busca pelo entendimento sobre a concepção da sexualidade infantil, recorreu-se à definição de criança e de sexualidade. Segundo Vasconcellos (2007, p. 8), “a criança é sujeito ativo na sociedade, membro das instituições família e escola e a quem podemos atribuir os significados de criadora, inovadora e em constante possibilidade de reinvenção da vida”.

Sobre sexualidade infantil Garcia (2002), apresenta o termo como o conjunto das primeiras experiências afetivas partilhadas no seio familiar entre o bebê, a mãe e o pai, depois com as pessoas próximas e se amplia. Ou seja, tem suas bases nas relações familiares, com os amigos e, conseqüentemente considera as influências da sociedade.

Para este estudo, consideramos tanto o conceito apresentado por Garcia (2002, p. 11) quanto a afirmação de Vasconcellos (2007) que acrescentando que as crianças são sujeitos que “brincam, choram e riem, pertencem a faixas etárias, raça, etnia e a gêneros diferentes, vivem em cidades diversas, tem credos religiosos diferentes, convivem em organizações familiares, enfim, são diferentes, mas, ainda assim, crianças”.

Desta forma, toma-se, neste estudo o desenvolvimento da sua sexualidade, a criança com participação ativa, um sujeito em pleno desenvolvimento que ao chegar ao ambiente educacional irá, aos poucos, complementando sua formação iniciada no ambiente familiar.

Já a escola, segundo Varela e Alvarez-Uria (1992), é uma instituição social que surgiu para complementar as práticas familiares, os modos de educação e socialização entre as classes sociais.

Compreende-se, dessa forma, que as crianças estabelecem suas concepções sobre o mundo tanto nas relações individuais quanto nas sociais com as demais pessoas que a cercam, como os familiares, educadores e colegas.

Conforme explica Garcia (2002), a compreensão sobre a sexualidade tem sofrido mudanças significativas no decorrer da história da humanidade, uma vez que

seus significados são passados de geração a geração e são influenciados por fatores culturais e ideológicos de cada civilização.

As manifestações sexuais das crianças se relacionam com a curiosidade em conhecer aquilo que é novo, desconhecido. Assim de acordo com fatores culturais vão construindo significados sobre sexualidade na relação individual e social cotidiana com as outras crianças e também com os adultos que convivem durante os primeiros anos da vida escolar.

2.5 Manifestações da sexualidade e a Educação Sexual da Criança Pequena

Educação sexual infantil passa, pelo direito fundamental que é a apropriação do saber. De acordo com o PCN (1998), a sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” por meio das atitudes das crianças em sala de aula e da convivência social entre elas.

Nesse documento, firma-se que no contexto do desenvolvimento psicosssexual, a sexualidade não desabrocha subitamente na adolescência quando a função reprodutiva se estabelece, ela já nasce com cada um e se desenvolve, pouco a pouco, nas demais fases da vida do ser humano.

Conforme Winnicott (2008), as descobertas de Freud (1856-1939) sobre a sexualidade infantil provocaram grande espanto na sexualidade conservadora do final do século XIX, visto que até esta época a criança era vista como um símbolo de pureza, um ser assexuado.

Nesse mesmo sentido, Sigmund Freud (1976), defende que a criança possui seus impulsos e atividades sexuais, desde o início da existência e deles emergem a sexualidade normal dos adultos. O indivíduo encontra o prazer no próprio corpo, pois nos primeiros anos de vida, a função sexual está intimamente ligada à sobrevivência.

O estudo biológico sobre o corpo descreve-o como sendo um corpo erotizado, pelas excitações sexuais estarem localizadas em partes do corpo (zonas erógenas) e por haver um desenvolvimento progressivo também ligado às modificações das formas de gratificação e de relação com o objeto (1976).

Freud, no seu livro “Três ensaios para uma teoria sexual” publicado em 1976 determina em cinco fases o desenvolvimento sexual da criança, a saber: Fase oral

ou fase da libido oral, ou hedonismo bucal – a criança do zero aos dois anos, através da estimulação da zona oral (sucção, mastigação, satisfação da fome) sente sensações agradáveis de prazer. Nesta fase, tudo que vê quer levar à boca, zona de erotização, e nos atos de sugar, morder e ingerir alimentos.

Fase anal ou fase da libido ou hedonismo anal – nesta fase, a criança entre dois e três anos sente prazer em poder controlar parte de seu corpo retendo ou liberando as fezes, começa então a controlar suas vontades e tomar decisões. Sente prazer em brincar com massas de modelar, argilas, barro.

Fase fálica ou fase genital, ou fase da libido ou hedonismo genital - quando começa a interessar-se pelo corpo e manipular seus órgãos genitais. É nesta fase que se inicia o complexo edipiano.

No Complexo de Édipo, como já visto, o menino sente um amor intenso pela mãe, identificando-se com o pai, sente desejo em ocupar seu lugar sentindo então raiva, medo e culpa. Imagina então que o pai pode cortar seu pênis (complexo de castração). A menina também vive este complexo, mas neste caso sente inveja do pênis.

Para a psicanálise, o Complexo de Édipo abrange um período fundamental na estruturação da personalidade, é à base da identidade do indivíduo. Inicia-se então um período de latência que vai até a puberdade e caracteriza-se por uma diminuição das atividades sexuais. A criança entre seis e dez anos tem sua sexualidade parte reprimida e parte sublimada, deslocando a energia para atividades e aprendizagens intelectuais e sociais, contudo a sexualidade não está ausente, mas sofre poucas modificações neste período.

Fase genital – é a chegada da puberdade, da adolescência no qual o Complexo de Édipo reaparece, porém mais perigoso já que o desejo incestuoso pelo pai/mãe agora pode ser realizado com o surgimento da sexualidade genital. Mas paralelo a isto o superego é organizado e surge como uma barreira ao incesto reprimindo os pensamentos perigosos e censurando o ego que é responsável pelo controle dos instintos. Ocorre então o deslocamento das fantasias de dentro para fora da família, o que gera muita ansiedade e culpa. Juntamente com este deslocamento, surge o processo de desligamento da autoridade dos pais.

Fica evidenciado que as teorias freudianas contribuem bastante para compreensão da sexualidade, as suas concepções têm grande relevância para o entendimento de alguns conflitos pessoais e de determinadas questões que

envolvem o assunto, principalmente ao observar que a sexualidade e suas manifestações é algo inerente ao indivíduo desde a infância, o que até os dias atuais é tratado como algo escondido e reprimido pela sociedade, a família e a instituição educacional.

Torna-se necessário compreender que, segundo Freud (1976), a sexualidade infantil é diferente do adulto e as manifestações de curiosidade por parte das crianças são normais e desejáveis, porém cada uma reagirá de uma maneira, de acordo com a fase de desenvolvimento que se encontra e é preciso respeitar a singularidade delas.

A sexualidade infantil é inerente a qualquer criança e sua demonstração será particular a cada uma, sendo que aos educadores cabe conhecê-la, respeitá-la, conduzi-la de forma adequada, sem estimulação nem repressão e tendo sempre em mente uma auto-reflexão de sua própria sexualidade (ALMEIDA, 2005, p. 50).

2.6 Manifestação da Sexualidade Infantil e a Instituição Educacional

Na visão de Seffner (2006) a sexualidade é um tema polêmico referente ao modo de organização e valorização das questões relacionadas aos desejos e prazeres sexuais. Porém, a escola é local onde podem ocorrer vivências importantes e marcantes em virtude da troca de conhecimentos e experiências entre as próprias crianças e também entre os educadores com as crianças. Neste ambiente educativo podem ocorrer também muitas experiências relativas à afetividade, oportunizando assim a manifestação da sexualidade, ternura, competitividade, dentre outras.

De acordo com Papalia (2000), a sexualidade afeta o comportamento de meninos e meninas, traduzem o conceito que fazem de si próprios, assim como afetam o modo de agir, vestir e de se relacionar com o grupo. Portanto, a sexualidade é um aspecto relevante na formação do autoconceito.

Santos e Araújo (2013) afirmam que a sexualidade acompanha a criança desde o seu nascimento, podendo ser percebida no cotidiano da Educação Infantil, estando diretamente associada ao desenvolvimento psicossocial da criança.

Porém, de acordo com esses autores, trata-se de um tema que escandaliza os profissionais da educação, visto que a sexualidade ainda representa um tabu na sociedade, motivo pelo qual persistem as dificuldades em discutir abertamente sobre esse assunto.

Quando começam a frequentar o ambiente educacional, as crianças se sentem livres para realizarem novas descobertas e manifestam diferentes comportamentos e o educador, enquanto mediador do conhecimento, torna-se sujeito ativo na formação da sexualidade das mesmas.

Maia e Spaziani (2010) afirmam que diante das manifestações da sexualidade infantil, muitos educadores reagem segundo suas percepções pessoais e não conseguem realizar reflexões sobre o assunto, de modo a oportunizar, as crianças esclarecimentos e orientações seguras, uma vez que possuem dificuldades pessoais em lidar com o assunto.

Para as autoras, na maioria das vezes, tanto os pais como os educadores reagem de forma omissa sobre as curiosidades das crianças, devido à cultura em que foram criados e à falta de formação e informação sobre o tema.

Neste sentido, Ponte(1989, p. 32) afirma que “a educação sexual é muito importante porque uma criança mal informada sobre sexo e pouco orientada relativamente correrá o risco de vir a considerar a questão única e exclusivamente sobre o aspecto material e orgânico”.

De acordo com Britzman (1998, p. 162) “a sexualidade está presente e faz parte da nossa vida, podendo ser vista como a base da curiosidade, a força que nos permite elaborar e ter ideias, bem como o desejo de ser amado e valorizado à medida que aprendemos a amar e a valorizar o outro”.

Também, deve-se considerar que a sexualidade é um tema amplamente discutido na mídia e nos lares. A mídia, através das propagandas, novelas e até mesmo nos programas infantis explora frequentemente esta temática e, muitas vezes de forma equivocada e discriminatória.

A criança possui amplo acesso a todas essas informações, mas a maioria dos pais não discute abertamente as questões sobre sexualidade por insegurança e medo de destruírem a “inocência infantil”, preferindo explicações fantasiosas que confundem ainda mais as crianças.

Segundo Britzman (1998), a criança não precisa do consentimento dos adultos para elaborar suas próprias teorias a respeito da sexualidade. Partindo desse contexto, qual o papel que compete às creches e às pré-escolas diante da curiosidade infantil frente à sexualidade?

Conforme explica Britzman (1998), compreender que, na escola infantil e mesmo em outras séries do Ensino Fundamental, espaços privilegiados de

aprendizagem, qualquer assunto pode ser discutido, pois a criança tem o direito e a liberdade de questionar e suas dúvidas precisam ser bem esclarecidas para que se torne um adulto consciente e responsável. Sendo assim, o tema sexualidade deve ser trabalhado de forma clara e objetiva, sem tabus, respeitando a capacidade de entendimento da criança.

Os professores não podem se esquivar de assuntos referentes a sexo, visto que cenas de sexo fazem parte da rotina das crianças. Na rotina das creches e pré escolas, podem aparecer diversas situações que podem gerar questionamentos sobre o assunto, tais como o nascimento dos bebês e como são feitos.

2.7 A Orientação Sexual na Formação de Professores da Educação Infantil

Na Orientação Sexual, o professor exerce um importante papel na construção da *sexualidade* da criança, que deve ser orientada visando prepará-la para uma vida saudável.

Entretanto, alguns professores não se consideram preparados para realizar essa tarefa. Como afirma Fagundes no seguinte relato:

Resultados de uma pesquisa que realizamos com professores sobre educação sexual, apontaram para a necessidade de sua formação exigindo, desta forma, o desenvolvimento de programas adequados à sua capacitação nesta área. Obviamente tais resultados eram esperados, uma vez que as Faculdades de Educação e os cursos de formação de professores de 1º e 2º graus pouco ou nenhum preparo propiciam em relação à sexualidade humana, com enfoques multidisciplinares. (FAGUNDES, 1995, p.21).

Neste contexto, os professores necessitam estar preparados adequadamente para desempenhar de forma significativa seu papel na orientação sexual, ajudando aos alunos a superarem suas dúvidas, ansiedades, angústias.

Conforme esclarece Suplicy (1983, p.49), com um estudo voltado para a área da saúde, “a criança chega à escola com todo tipo de falta de informação e geralmente com uma atitude negativa em relação ao sexo. As dúvidas, as crenças e posições negativas serão transmitidas aos colegas”. Entende-se, dessa forma, que a escola é o espaço ideal para formar protagonistas capazes de valorizar a saúde. Para tanto, segundo essa pesquisa se faz necessário falar de temáticas sobre a

sexualidade desde a infância do ser humano para que este seja um adulto comprometido para com a sua saúde.

Entende-se por Orientação Sexual, conforme Gambale (2004), o processo formal, isto é, sempre planejado e sistematizado, que acontece em um ambiente específico como a sala de aula, posto de saúde, ou em lugares de palestras, e os agentes são educadores ou profissionais da saúde, que são pessoas preparadas para esse assunto.

Sendo assim, compreender e respeitar devem ser o papel da escola e do professor e, nessa direção podemos ampliar para o papel dos CMEI – Centros Municipais de Educação Infantil – instituições educativas que atendem as crianças de zero a cinco anos de idade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) explicitam a importância da orientação sexual na instituição educacional, esclarecendo que é papel dela informar os familiares dos alunos sobre a Orientação Sexual incluída na proposta curricular e explicar os princípios norteadores do trabalho, de modo a evitar conflitos e problemas com os pais ou responsáveis.

No diálogo entre a escola e as famílias, pretende-se que a sexualidade deixe de ser tabu e, ao ser objeto de discussão na escola, possibilite a troca de ideias entre esta e as famílias. O apoio dos pais aos trabalhos desenvolvidos com os alunos é um aliado importante para o êxito da Orientação Sexual na escola (BRASIL, 1988, p. 304).

O diálogo entre a instituição educacional e a família é imprescindível, pois ambas são responsáveis pela educação e formação das crianças. A parceria facilita o entendimento sobre o contexto sociocultural da criança facilitando o desenvolvimento integral da criança.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998), a compreensão da sexualidade como um processo amplo, cultural e inerente ao desenvolvimento das crianças pode auxiliar o professor diante das ações exploratórias das crianças ou das perguntas que fazem a respeito do tema.

É preciso desenvolver no educador um olhar para a sala de aula, de modo a perceber nela o que ocorre de forma clara e o de forma não tão clara, porque a sexualidade está presente em nossas vidas, muitas vezes, de forma não explícita (SILVA, 2002, p. 34).

Segundo os estudos aqui apresentados, a postura do educador é fundamental para que as crianças compreendam que sexo e sexualidade são assuntos naturais e que podem ser partilhados sem nenhum preconceito ou receio.

2.8 O professor no Complexo Papel da Orientação Sexual da Criança Pequena

Como alertado por Garcia (2002), falar sobre sexo ou sexualidade relaciona-se ao ato sexual e, por isso, constituído em muitas sociedades, como a nossa, como um tabu.

Também, como alerta Kupermann (1999), o desenvolvimento e a consequente curiosidade das crianças sobre questões relacionadas ao sexo e sexualidade não dependem apenas de um fator, como o da sua idade, mas da composição cultural a que está imerso, dentre outros fatores.

Outro ponto importante que compõe a problemática para o tratamento desse tema com crianças pequenas é que deve-se respeitar, como alertado por Gambale (2004), a posição e orientação primeira dada pela família.

Diante, pelo menos, dessas três questões apresentadas vê-se o papel do professor da Educação Infantil diante de uma complexidade de cuidados para localizar o espaço de sua atuação.

A postura do professor diante da sexualidade na Educação Infantil se torna imprescindível, uma vez que a educação sexual é o aprendizado automático, e constante de atitudes, gestos e ideias que são iniciadas a partir do nascimento.

O profissional da educação transmite valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas pelas crianças. É necessário então que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema.

Ainda segundo os PCNs (1998), nas séries iniciais, os temas podem ser abordados, com naturalidade, quando, por exemplo, estiver sendo focado o estudo do corpo humano. A observação do funcionamento corporal, das diferenças entre meninos e meninas ou, ainda, a discussão a respeito de como os bebês nascem podem servir como ponto de partida. Estar atento ao nível de maturidade da turma é importante; ele indicará ao professor até que ponto poderá ir no aprofundamento dos temas.

Por este documento (PCN, 1998), ao chegar à Educação Infantil, a criança já traz a socialização doméstica e muito de seu comportamento em relação à sexualidade. Pensar a infância hoje significa percorrer vários caminhos, com várias histórias, e diferentes modos de ver e viver este momento. Significa sermos destinatários de algo que foi construído a partir de modos e culturas diferentes. Nem sempre os professores estão capacitados a orientar as crianças dessa faixa etária.

A sexualidade infantil envolve a identidade de gênero, que dispõe subsídios para a criança se reconhecer como pertencente ao gênero feminino ou masculino, que se desenvolve no âmbito de instituições como a família e a escola. Assim, Fucs (1993, p 150) afirma que “a criança é um ser no início da sua existência – a etapa ideal para o plantio e desenvolvimento de sementes para uma vida adulta equilibrada. Principalmente quando se trata de educação sexual (...)”.

Diante desta realidade, é indispensável educá-las para que se transformem em pessoas aptas a repassarem corretamente conhecimentos e mensagens positivas. A sexualidade, quando relacionada à infância, ainda hoje, é pouco falada e explicada e, por isso, permanece como uma terra incógnita para os adultos que a experienciam como uma temática assustadora e, muitas vezes, proibida. Percebe-se nas instituições educacionais, educadores vulneráveis, sem orientação e preparo para enfrentar os choques e os desafios relativos à sexualidade das crianças que aparecem no cotidiano (CONSTANTINE, MARTINSON, 1984).

Nesse estudo compreende-se que as crianças têm o direito de serem respeitadas e orientadas na sua integridade psíquica e moral, devendo receber um conjunto de informações que as levem a crescer como pessoa. Dentro de uma abordagem psicológica, a orientação sexual deverá fazer parte do projeto pedagógico e ser desenvolvida pelos próprios professores, em suas turmas (CONSTANTINE, MARTINSON, 1984).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) propõem que os temas sejam apresentados por meio da transversalidade dos conteúdos, isto é, presentes em todas as áreas do conhecimento.

3. MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE INFANTIL EM INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PESQUISA A PARTIR DO OLHAR DO PROFESSOR

3.1 Metodologia da Pesquisa

Para refletir sobre “Manifestações Sexuais Infantis: algumas reflexões para o professor da educação infantil”, este estudo foi estruturado por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritiva.

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados ao pesquisador, tornando-se seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o objeto pesquisado (LAKATOS; MARCONI, 2001). Desta forma, pretende-se considerar tanto o envolvimento da pesquisadora desde seu período de estágio, momento este em que permitiu a formulação da problemática desta pesquisa, como também, o trabalho que a pesquisadora já realiza nas instituições de educação infantil, desde o ano de 2008 e a participação mais direcionada a esta pesquisa neste ano, num período de 6 meses até este momento.

Godoy (2005, p. 58) enumera algumas características da pesquisa qualitativa: “considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto”.

Da mesma forma, Lakatos e Marconi (2001) definem as circunstâncias particulares em que um determinado objeto se insere são essenciais para que se possa entendê-lo. Da mesma maneira as pessoas, os gestos, as palavras situadas devem ser sempre referenciadas ao contexto onde aparecem.

Segundo Minayo (2004), esse tipo de pesquisa adota vários métodos de investigação de um fenômeno de um determinado local em que ocorre, procurando encontrar o sentido desse fenômeno como interpretar os significados dados a eles. Conforme esse autor esse termo qualitativo implica divisões densas com pessoas, fatos e locais que foram objetos de pesquisa, para retirar desse convívio os significados visíveis e ocultos que somente são perceptíveis a uma atenção sensível.

Quanto ao fato da pesquisa ser descritiva, os autores Cervo e Bervian (2002) afirmam que o estudo descritivo é aquele que observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos sem manipulá-los. Procura descobrir com a maior precisão possível a frequência com que um fenômeno ocorre. Percebe-se que esse processo favorece uma pesquisa mais ampla e completa.

Inicialmente foi utilizada a pesquisa bibliográfica para construção de um referencial teórico consistente. Segundo Lakatos e Marconi, (2001, p. 43), “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Gil (2000, p. 48) explica que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Em quase todos os estudos é exigido algum tipo de trabalho desta natureza”.

Desta forma, nota-se que a pesquisa bibliográfica favorece o aprofundamento teórico sobre determinado tema, visto que reúne informações e opiniões de diferentes autores, facilitando o entendimento do pesquisador.

Num segundo momento, foi necessário fazer uma confirmação entre o referencial teórico construído e a realidade da Educação Infantil, para isso, foi realizada uma pesquisa de campo.

Para Bastos e Keller (2001) a pesquisa de campo é um ótimo instrumento para suprimir dúvidas ou obter informações e conhecimentos para as quais se procura resposta.

Segundo Marconi e Lakatos (2001), a pesquisa de campo é uma investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Geralmente, é realizada depois do estudo bibliográfico, de modo a levar o pesquisador a obter mais conhecimentos acerca de determinado assunto. Com ela, o pesquisador poderá delinear os objetivos da pesquisa, as hipóteses, definir qual é o meio de coleta de dados, tamanho da amostra e como os dados serão tabulados e analisados.

3.2 Metodologias de Análise dos Dados

A metodologia de análise de dados adotada nesta pesquisa foi a metodologia de análise de conteúdos baseada nos estudos da autora Franco (2007).

A análise do conteúdo faz parte de um campo de estudo da análise do discurso, cujo objetivo é analisar convenientemente um material verbal, que neste estudo são as entrevistas e depoimentos dos dezesseis professores.

Segundo a autora, a análise de conteúdo faz parte de um procedimento de pesquisa da abordagem metodológica crítica que reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento.

Sendo assim, as respostas, depoimentos e a preocupação manifestada nas entrevistas foram consideradas como objeto de análise pela pesquisadora.

Para Franco (2007), o ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou provocada. Na pesquisa em evidência, a mensagem são as manifestações sexuais das crianças da Educação Infantil pelo olhar dos professores.

A fonte são os depoimentos dos professores de três instituições de Educação Infantil.

O processo de codificação da mensagem foi uma entrevista utilizando um questionário. O receptor é o próprio pesquisador e o processo de decodificação utilizado para interpretar a mensagem é a análise de conteúdos, a luz da pesquisa bibliográfica realizada nas investigações.

3.3 Campo da Pesquisa

Dessa forma, as instituições educacionais escolhidas como campo de pesquisa foram: Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Dorica Vieira Borges, Centro Municipal de Educação Infantil Talita Fernandes Guimarães e Centro Municipal de Educação Infantil Odete de Freitas Camapum. A intenção da pesquisa campo foi buscar, coletar e analisar os depoimentos dos professores de cada CMEI a partir do seu contexto global, o relato de eventos que versavam sobre manifestação da sexualidade infantil, tendo em vista a realidade vivenciada por cada instituição, assim como os desafios enfrentados para o desenvolvimento diário de suas atividades educativas considerando os acontecimentos manifestos.

Como instrumento de coleta de dados da pesquisa, foi utilizado um questionário (em anexo), constando de 05 perguntas semi-estruturadas, aplicadas sob forma de entrevista pessoal, para educadores das instituições campo, com o

propósito de refletir sobre a temática em evidência. O universo desse estudo foi formado por 16 educadores.

Na visão de Marconi e Lakatos (2001, p. 100), o questionário é um “instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito”. Além disso, este método de coleta de dados possui algumas vantagens, tais como, economiza o tempo do pesquisador que obtém maior número de dados, pois atinge mais pessoas ao mesmo tempo; assim como possibilita respostas mais rápidas e exatas e flexibilidade de horário das pessoas envolvidas na pesquisa.

Após a coleta de informações, os dados foram preparados, compreendidos, interpretados e contextualizados, utilizando-se as categorias de análise para a apresentação dos resultados.

A análise dos dados é a fase mais formal, pois é a fase em que o pesquisador tem uma ideia mais ou menos clara das possíveis direções teóricas do estudo, partindo assim para a construção do conjunto e de categorias descritivas (LAKATOS; MARCONI, 2001).

Segundo Gil (2002) a interpretação dos dados pelo pesquisador é necessária para que possa ultrapassar a descrição, obtendo o questionamento sobre o assunto, buscando e acrescentando durante a pesquisa as possíveis explicações, dúvidas, configurações e efeitos.

Desta forma, a pesquisa pretende compreender como lidar com a questão da sexualidade na Educação Infantil.

4 MANIFESTAÇÕES SEXUAIS INFANTIS: ALGUMAS REFLEXÕES PARA O PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL

O problema que este estudo visa compreender é como o professor da Educação Infantil trabalha a sexualidade manifestada pela criança pequena na instituição educacional. A pesquisa, aqui relatada, desenvolveu-se na cidade de Uruaçu.

O estudo buscou analisar como os profissionais que atuam na Educação Infantil trabalham a sexualidade com as crianças, tomando como referência e como campo de pesquisa três instituições educacionais sendo elas: Centro Municipal de Educação Infantil Talita Fernandes Guimarães, Centro Municipal de Educação Infantil Dorica Vieira Borges e Centro Municipal de Educação Infantil Odete de Freitas Camapum, buscando analisar cada CMEI a partir do seu contexto global, tendo em vista a realidade vivenciada por cada instituição, assim como os desafios enfrentados para o desenvolvimento diário de suas atividades educativas. Como instrumento de coleta de dados da pesquisa foi utilizado um questionário constando de perguntas semi-estruturadas, aplicadas sob forma de entrevista pessoal, para educadores das escolas campo, com o propósito de refletir sobre a temática em evidência.

4.1 Descrição e Análise dos Dados

As respostas apresentadas pelos professores foram analisadas e serão apresentadas nesse tópico, visando comparar a teoria apresentada com a realidade das instituições evidenciadas neste estudo. Trata-se de uma fase importante da pesquisa, haja vista a aproximação da teoria pesquisada com a realidade vivenciada e manifestada pelos professores das instituições de Educação Infantil pesquisadas.

Para a análise classificou-se as respostas por proximidade e frequência dos temas evidenciados. Utilizou-se os códigos *P1* para corresponder ao *Professor Entrevistado 1* e assim, sucessivamente. A análise se deu por questões seguindo a ordem do questionário (anexo) que foi o instrumento de coleta de dados. Todas as respostas originais, dadas por cada professor encontram-se anexas.

Sobre a questão 01: *A sexualidade é vista, ainda nos dias de hoje, como tabu, mas qual a sua opinião sobre o assunto?*

Percebeu-se pelos depoimentos dos professores entrevistados que de forma geral reclamam da falta de formação para lidar com as situações que envolvem a sexualidade no comportamento das crianças. Cinco dos entrevistados foram explícitos ao afirmar sobre a falta de formação na licenciatura, exemplos disso estão nas respostas dos professores P11 e P14, quando dizem:

P11: "Temos muito a estudar, pois cada dia aparece algo novo. Creio que devemos procurar meios de orientação".

P14: "Na verdade não sei, nunca tivemos orientação".

Outro ponto evidenciado quanto a esta questão foi sobre os professores destacarem uma diferença entre a forma com que ele aprendeu esse assunto no seu tempo e a forma que as crianças manifestam hoje. Esse embate geracional foi evidenciado em respostas como:

P15: "Creio que a fase do tabu passou e estão querendo liberar demais".

Destacam-se ainda, depoimentos que mostram que os professores classificam o comportamento manifestado sobre sexualidade das crianças como próprios da sua faixa etária, exemplos:

P5: "Eles, sendo pequenos, já temos que orientá-los com estudos de acordo com suas faixas etárias".

P3: "Porque é uma fase de descobertas".

P7: "Deve ser discutido com normalidade, se trata de uma fase das descobertas de sensações, pois a vida é vivida por fases, só conversar individualmente para não constrangê-las e também não inibi-los".

Já alguns professores demonstram medo e insegurança para tratar o assunto ou mesmo sobre a consequência de suas respostas dadas para as crianças pequenas, como por exemplo:

P2: " Realmente é uma questão difícil, pois na maioria das vezes encontramos dificuldades em agir por medo de traumatizar a criança".

P6: " Que realmente é pouco discutido. É um tema polêmico que pode trazer consequências sendo explorado de forma errada".

Por fim, salientamos as respostas que tentam explicar o comportamento das crianças em suas manifestações de sexualidade dando a elas significados culturais relacionados aos aspectos familiares.

P10: Ainda temos um obstáculo muito grande pela frente, pois não adianta o ensino progredir e a família obstruir, esconder.

P13: Eu sempre me pergunto como isso acontece? Será que eles vêem os pais? Será que é instinto? Então fica complicado.

P4: Que realmente o assunto é bem polêmico e difícil de ser tratado diretamente com a família, por haver rejeição de tal assunto.

Por meio das respostas a essas questões evidenciou-se que a visão dos professores sobre o assunto é carregada de atribuição ao meio cultural em que as crianças vivem, a sua fase de idade e à sua falta de preparo durante, principalmente quanto à sua formação. Mas também, apresentaram em suas respostas medo e insegurança, principalmente sobre as consequências das respostas que eles possam dar às questões apresentadas pelas crianças. Percebeu-se um medo do professor tratar o assunto.

Nesse último sentido Nunes (1987, p. 23), pondera que "a sexualidade é sempre uma área de saber e de investigação essencialmente polêmica, pois envolve com elementos de ordem religiosa e ética de diferentes conotações e universos sociais ou subjetivos". Segundo este autor, essas polêmicas geralmente são baseadas em conceitos religiosos, crenças, tabus e preconceitos que são repassados de geração a geração, dificultando a ação do professor diante das manifestações da sexualidade.

Por outro lado, segundo Nunes (1987) lembra que quando se fala em sexualidade nos remetemos aos nossos conceitos sobre ela. Assim, em várias situações vivenciadas no ambiente escolar, o educador reproduz suas experiências pessoais, seus valores religiosos, seus princípios familiares, dentre outros.

Na mesma direção de Nunes (1987) os estudos de Constantine e Martinson (1984) explicam que a sexualidade, quando relacionada à infância, ainda é pouco falada e explicada, motivo pelo qual essa temática permanece como uma terra incógnita para os adultos que a vivenciam como um assunto assustador e proibido.

Apesar da maioria dos educadores não se sentirem preparados para lidar com as situações diárias referentes à sexualidade na educação Infantil, alguns deles, nas entrevistas, se sentem preparados e seguros ao lidar com essa temática. Esse fato pode ser verificado nas repostas citadas abaixo:

P7: “Deve ser discutido com normalidade, se trata de uma fase das descobertas de sensações, pois a vida é vivida por fases, só conversar individualmente para não constrangê-las e também não inibi-los”.

P8: “Já percebem as sensações através de seu corpo. Descubrem que sozinhos são capazes de produzir “sensações gostosas” ao tocarem nos órgãos genitais. Não há nada de errado ou anormal dentro das descobertas infantis”.

P9: “Acredito que através do diálogo se chega a um consenso, ou seja, conversar, explicar e através dos seus atos, podemos levar a formação de um individuo que saberá internalizar suas ações para o lado bom ou não”.

Assim, percebe-se que alguns professores enfrentam o assunto e desenvolvem uma orientação sexual tomando o assunto como natural na vida das crianças, porém, não podemos descartar que, nesse quesito, a maioria não demonstrou preparo e segurança para lidar com o assunto.

Sobre a questão 02: Enquanto professora, já se deparou com alguma manifestação referente à sexualidade infantil em sala de aula? Poderia relatar algum acontecimento?

Todas as respostas relativas a este questionamento foram afirmativas. Os educadores demonstraram grande preocupação com as manifestações precoces de sexualidade percebidas durante o desenvolvimento das atividades pedagógicas diárias, como a curiosidade de querer ver os órgãos genitais dos colegas. A maioria dos relatos comprova que as crianças querem ver e tocar seus órgãos, conforme se pode observar nas respostas abaixo:

P1: Sim, as crianças fazendo exposição das suas partes íntimas e induzindo outras crianças a tocá-las.

P5: Sim, recentemente um aluno mostrou o pênis para a coleguinha, abrindo o órgão e o expondo totalmente e ainda explicando suas características para sua colega.

P2: Sim, o momento que uma criança do sexo feminino procurava meios para acariciar ou até mesmo pegar nos órgãos sexuais dos outros coleguinhos.

P15: Sim, muitas vezes até com crianças de 2 anos, quando as crianças veem o outro coleguinha nu querem pegar nas partes íntimas, sentir para ver como é.

P10: Sim, principalmente no momento do banho, as crianças são curiosas. O menino mostrando o pênis para o outro coleguinha, ele achou interessante porque o seu pênis estava ereto.

P11: Sim, praticamente todos os dias, claro, o momento em que uma menina e um menino ambos comparando as partes íntimas e procurando respostas para as diferenças.

Essas atitudes demonstram a curiosidade das crianças com relação à sexualidade e devem ser canalizadas de forma educativa para que as mesmas não se sintam frustradas.

Em uma das respostas analisadas, a educadora fez questão de destacar que a curiosidade das crianças deve ser encarada de forma natural.

P7: Sim, crianças têm curiosidades em olhar, pois é normal, eles estão descobrindo as diferenças e tudo tem que ser visto como normalidade, se trata da fase das descobertas.

A opinião dessa educadora vem ao encontro do que diz o RECNEI (1998), que afirma que essa compreensão da sexualidade como um processo amplo, cultural é inerente ao desenvolvimento das crianças e imprescindível para o professor diante das ações exploratórias das crianças ou das perguntas pertinentes ao assunto.

Desta forma, pode-se compreender que as próprias curiosidades que partem delas, ou suas manifestações regulam o currículo. Assim, o planejamento do que deve ser trabalhado com elas, explorar ou ser respondido sobre essa temática encontram-se nas suas próprias curiosidades e manifestações.

Alguns depoimentos comprovam que além da curiosidade natural das crianças, presenciaram também algumas situações mais embaraçosas, que necessitava intervenção, pois algumas crianças quiseram sentir os órgãos genitais dos colegas, usando a boca.

P6: Sim, várias. Uma que me deixou bastante curiosa foi uma criança pedir para a outra colocar a boca em sua parte íntima.

P16: Sim, várias, achei interessante quando uma criança mordeu o pênis do colega e disse que era porque estava duro.

Com relação a estes relatos, Silva (2004, p. 54) explica essa atitude da criança, pois segundo ele isso acontece porque a boca é a região do corpo na qual mais temos prazer, tais como o prazer de comer e de falar, além de que a boca é a forma de conhecer o mundo: “Ele experimenta o mundo pela boca, e põe tudo nela”.

Também os estudos de Freud (1976) sobre a fase oral ajudam a analisar e explicar esses relatos quando pondera sobre as características da fase oral a que essa questão esta ligada.

Em alguns relatos dos educadores, a forma de agir das crianças, pressupõe a vontade de trocar carícias com os colegas, como se simulassem gestos e atitudes de um namoro mais íntimo, ou mesmo de uma relação sexual, conforme pude verificar nas seguintes respostas:

P3: Sim, duas meninas se abraçando e fazendo movimentos simulando um namoro mais íntimo.

P4: Sim, durante uma atividade lúdica onde as crianças deitaram no chão e dois meninos deitaram perto um do outro e logo um começou a acariciar o outro coleguinha, tocando no bumbum, e percebemos que ele acariciava com cuidado, demonstrando um carinho por aquela parte tocada, sendo totalmente aceito pelo outro.

P8: Várias, os meninos gostam de tocar em seu próprio corpo, especialmente durante o banho e parecem querer mostrar esta sensação agradável ao colega.

P9: Sim, crianças a todo o momento pelos cantos mostrando a genitália e comparando, passando a mão no bumbum do colega, beijos na boca, deitar sobre os outros. São vários esses momentos.

P13: Sim, dentro do banheiro no momento do banho dois meninos tentando realmente fazer a penetração um no ânus do outro. Fiquei horrorizada.

P14: Sim, duas meninas fazendo posições e movimentos como se estivessem tendo relação (ato sexual).

Essas manifestações precoces de sexualidade, com gestos e atitudes simulando situações de namoro, segundo Garcia e Dell'Aglio (1997) muitas vezes estão associados a questão de que as crianças assistem muita TV em casa, que estão assistindo filmes, novelas e propagandas relacionadas a sexo.

Apesar destes assuntos estarem presentes na vida das crianças, segundo Garcia e Dell'Aglio (1997) geralmente não são conversados, entre os familiares ou mesmo professores, devido à repressão cultural da nossa sociedade, onde prevalece a ideia de que é preciso preservar a "ingenuidade" das crianças a qualquer preço.

Corroborando com essa ideia, Chies (2004) explica que desde o nascimento, a criança recebe estímulos e a sexualidade age de modo oculto direcionando as estruturas de personalidade do indivíduo até que ele chegue à fase adulta. Esses estímulos podem vir de várias formas, mas sabe-se que a mídia influi e interfere muito na sexualidade, seja, pelas novelas, músicas ou danças a que ficam expostas.

Porém, contrapondo ou possibilitando outro olhar aos autores supracitados, o RECNEI (1998) ressalta que não é necessário que a criança tenha vivenciado a representação de cenas de sexo nos meios de comunicação ou em casa para que se envolva em exploração ou jogos sexuais, visto que, essa motivação pode ser movida apenas por curiosidade ou desejo, que fazem parte do processo normal de desenvolvimento.

Assim, verificou-se nesse ponto que as crianças pequenas manifestam curiosidades e que já revelam representações sobre carícias íntimas e do ato sexual. Também que essas manifestações precoces se dão ou por exposição a programações midiáticas (como TV ou internet) que acabam antecipando conhecimentos do mundo adulto para as crianças. Também se revelou que esse conhecimento ou representação de ato sexual pode ser natural do próprio corpo, movido pela curiosidade e desejo.

Sobre a questão 03: Sabemos que para as crianças é um momento de descobertas, e você como profissional, sabe lidar com essa situação? E como seria abordar esse tema em sala de aula com as crianças pequenas?

De acordo com a análise realizada das respostas obtidas, pode-se perceber que muitos profissionais não sabem lidar com as questões relacionadas à sexualidade, pois não estão preparados para tal e sentem dificuldades para abordar a temática com as crianças, como comprovam as falas transcritas abaixo:

P1: Não, não tem como lidar porque são crianças pequenas, imaturas e também não temos preparo e as crianças acham tudo normal.

P2: Não, realmente é uma questão difícil, pois na maioria das vezes encontramos dificuldades em agir por medo de traumatizar as crianças.

P3: Procuo evitar, quando eles têm estas atitudes não é fácil, temos um grau muito grande de dificuldades por se tratar de crianças pequenas.

P6: Confesso que não, tenho minhas restrições, penso que explicando que se trata do seu corpinho, que meninos tem pênis e meninas vagina, por aí...

P9: Não me sinto muito à vontade, mas tenho lido a respeito e acredito que posso melhorar.

P11: Não, sempre me escorrego quando tenho que falar a respeito, mas eu procuro responder, não claramente, mas tento.

P14: Não. Com minhas crianças falo que não, que o Papai do Céu está vendo.

Aqui nota-se que os profissionais admitem sua dificuldade para lidar com o assunto, que procuram fugir do tratamento de tais questões, que utilizam do senso comum ou mesmo de sua orientação religiosa para enfrentar a educação e orientação sexual.

Apesar dos educadores entrevistados reclamarem da falta de qualificação e orientação específica para trabalhar com a problemática envolvendo a orientação sexual, algumas falas comprovam como desenvolvem este trabalho com as crianças.

P4: Sim, chamar a atenção usando didáticas através de músicas, histórias, sempre explicando que o nosso corpo é nosso e não devemos deixar os outros tocá-lo.

P5: Eu procuro o máximo, sempre o mais próximo do correto, com filmes, histórias, sempre de acordo com a idade.

P7: Este momento deve ser tratado com carinho, respeito e com suavidade para não causar constrangimento na criança, já que estamos para cuidar, devemos orientá-las que há situações que deve ser íntimo só deles que não devem se tocar em público.

P8: É a criança que se descobre menino ou menina, é uma investigação que não deve ser reprimida. Trabalho as partes do corpo, incluindo ou nomeando os órgãos genitais. E sempre respondo ao que perguntam, sem maiores explicações, porém sem mentir ou iludir, algo que seja adequado e sem repreensão.

P10: Sempre faço o meu melhor, porque acredito que o assunto será absorvido conforme o desenvolvimento de cada um.

P12: Estamos sempre aprendendo, pois talvez o que é certo pra mim pode ser errado pra eles, dou o meu melhor.

P15: Com as situações que me deparei, sempre tentei e tento lidar com tranquilidade, com mais naturalidade possível. Geralmente não trabalhamos, houve um específico, mas foi um caso especial.

P16: Às vezes, com orientações básicas do dia a dia.

Sobre esta questão de reprimir a curiosidade da criança, Nunes e Silva (2000, p. 118) afirmam que a criança possui suas curiosidades em torno das vivências e a prática de reprimir, inibir, de escamotear e esconder a expressão e a curiosidade da criança é responsável pela maioria das crises e contradições dos conflitos emocionais e sexuais de nossos adolescentes.

Uma resposta, em particular, me chama bastante atenção, devido a visão equivocada do profissional, haja vista que o P13 afirmou que usa “o instinto de mãe, sempre falando que é errado e não pode”. Nesse caso, como visto, a instituição educacional, com profissionais formados para tal devem atuar de forma complementar á ação da família, porém, lembrar que são profissionais e que não é o instinto de maternagem que regula a ação do professor da Educação Infantil.

Braga (2010), ainda acrescenta que as manifestações sexuais que são refletidas na escola são trabalhadas de maneira inadequada, isso porque as instituições apresentam dificuldade em tratar dessa temática em seu cotidiano. Dessa forma, faz-se necessário que a escola realize um trabalho educativo que atenda a todos.

Como a instituição educacional é um espaço onde se evidenciam manifestações sexuais, Maio (2011) destaca a necessidade de uma proposta de educação sexual adequada pode contribuir para a discussão de toda comunidade

educativa sobre a área da sexualidade. A escola não deve ser um espaço de opressão e repressão na questão da sexualidade, mas sim um ambiente seguro, livre e educativo para todas as pessoas. Segundo esse autor, não é mais possível que as questões relativas à sexualidade sejam ignoradas ou simplesmente tratadas com deboche ou indignação moral. Diante disso, ressalta-se que o educador (pedagogo) tem uma importante função nesse sentido.

Maia e Spaziani (2010) afirmam que diante das manifestações da sexualidade infantil, muitos educadores reagem segundo suas percepções pessoais e não conseguem realizar reflexões sobre o assunto, de modo a oportunizar, as crianças esclarecimentos e orientações seguras, uma vez que possuem dificuldades pessoais em lidar com o assunto.

Muitas vezes, as crianças chegam à escola com uma visão distorcida e confusa sobre a sexualidade, cabe à escola desenvolver um trabalho com muita responsabilidade, visto que é uma questão polêmica, onde o professor deve oportunizar a orientação e os esclarecimentos de dúvidas, trabalhando de forma clara e objetiva suprimindo as expectativas de aprendizagem de seus alunos.

Na concepção de Gambale (2004), o profissional da educação transmite valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas pelas crianças. É necessário então que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema.

Neste sentido, de acordo com o RCNEI (1998) e Silva (2002), para planejar ações pedagógicas referentes à orientação sexual, o educador deve estar atento às necessidades dos agrupamentos de crianças dentro da instituição, assim como, zelar pela seleção e organização dos temas de sexualidade.

Sobre o questionamento acerca do que a instituição poderia fazer para estimular os profissionais da infância a conhecer melhor a temática sobre a sexualidade, os educadores entrevistados elencaram algumas sugestões como cursos, estudos de aprofundamento, palestras, eventos, qualificação específica e outras. Vejam a seguir:

Sobre a questão 04: Em sua opinião, o que a instituição poderia fazer para estimular os profissionais da infância a conhecerem melhor este tema?

Reconhecem que apesar de ser um assunto que deve ser encarado como natural entre as crianças, a abordagem errônea pode traumatizar ou ir contra os princípios de muitas famílias, devido à cultura popular.

P1: Um estudo mais aprofundado com profissionais que realmente sabe lidar com esse tema.

P2: Palestras com pessoas que saibam nos orientar de forma positiva, para que saibamos trabalhar em sala.

P3: Um estudo mais aprofundado relacionado as crianças de 0 a 6 anos, pois é o que mais acontece são dúvidas. Cursos seriam ótimos.

P4: Promovendo palestras, eventos que trazem este tema abordando para que serem discutidos com mais clareza.

P5: Deveriam trazer pessoas qualificadas que saibam falar com clareza sobre o assunto.

P6: Cursos sobre o assunto, com entrevistas, documentários, entre outros.

P7: Este tema não é fácil de ser abordado, apesar de estar sempre em debate nos meios de comunicação, porem causa constrangimentos para muitos, pois, isso esta na cultura, coisas que vem de longas datas.

P8: Isto não é uma etapa fácil, apesar de ser um tema trivial dos meios de comunicação a abordagem do mesmo parece ainda ferir alguns princípios enraizados na cultura popular.

P12: Palestras com um profissional que possa nos instruir.

P13: Fazendo palestras para nos orientar, o próprio município deveria tomar esta atitude.

P15: Palestras nos orientando como trabalhar com crianças pequenas este tema tão complexo.

Alguns educadores deixaram transparecer novamente, nas suas falas, a insegurança e a falta de qualificação para abordar esta temática com crianças pequenas, por isso cobram o apoio e a ajuda dos demais profissionais da educação, conforme análise das opiniões transcritas abaixo.

P10: É complicado abordar assuntos onde deveriam começar dentro de casa. Mas se trata da educação das nossas crianças e cursos referentes ao assunto iriam ajudar nesta longa caminhada.

P11: Apoiarem e ver que se trata da educação das nossas crianças, e nos ajudar porque atualmente é somente cobrança.

P14: Cursos com profissionais especializados no assunto, pois na verdade não sabemos como agir, a verdade é se chamarmos a atenção de forma errada pode trazer traumas, então como é que devemos fazer?

É preciso considerar, também, que a busca por uma qualificação nesta área específica pode partir do próprio profissional, conforme destacam dois educadores em suas respostas, haja vista que são muitos os desafios vivenciados pelo educador no cotidiano de sua práxis. Esses desafios, segundo Constantine e Martinson (1984), só poderão ser superados a partir do estudo e de um bom planejamento que venha atender as expectativas e curiosidades das crianças.

P9: Percebo que os profissionais estão sempre atentos as dinâmicas de conhecimento, estão procurando estar atualizados nos mais diversos temas.

P16: Deveria partir do próprio profissional.

Segundo Maia *et al.* (2006), muitos educadores possuem dificuldades em abordar a temática “sexualidade” por diversas razões, tais como razões pessoais, falta de informações na área da sexualidade, falta de orientação e de recursos metodológicos que ajude a compreender e realizar uma orientação sexual adequada.

Para Gambale (2004), diferentemente do que se pensa, aos pais cabe a função de educar sexualmente, e à escola orientar, respeitando os valores e crenças de cada família.

(...) o papel da escola é abrir espaço para que essa pluralidade de concepções, valores e crenças possa existir, não compete à escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece, antes, caberá à escola trabalhar o respeito às diferenças, a partir da sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias (GAMBALE, 2004 p.144)

Para o autor é imprescindível reconhecer a importância de se falar sobre o assunto dentro das instituições, pois os professores precisam de cursos de extensão, palestras, formações para que se sintam preparados e seguros para trabalhar com o tema.

Nunes (2012) complementa que a qualificação destes profissionais é de fundamental importância para evitar a passagem de conceitos pessoais, preconceitos ou ideias inadequadas.

Ao dialogar sobre sexualidade na Educação Infantil, permitirá às crianças obter informações adequadas a respeito das questões que se referem ao seu momento de desenvolvimento e às questões que o espaço coloca o indivíduo. Permitirá também, às crianças, obter informações adequadas a respeito das questões que se referem ao seu momento de desenvolvimento.

Sobre a questão 05: Na sua qualificação você foi capacitado para abordar esse tema em sala de aula? E com crianças pequenas?

De acordo com as respostas dos educadores entrevistados nenhum deles recebeu capacitação para abordar esse tema em sala de aula, principalmente com crianças pequenas. Apesar de todos os educadores possuírem formação específica em cursos de licenciatura, não receberam formação para tal, conclusão obtida a partir das falas abaixo.

P1: Não, de forma alguma, nunca houve essa capacitação.

P2: Não, tivemos uma pequena apresentação, mas nada referente a isso.

P6: Não, aprendemos com nosso cotidiano.

P9: Na formação que fiz e especialização não. E nenhum tema como: drogas, tráfico e outros, exceto os conteúdos programáticos.

P10: Na formação que fiz não. Acredito por ter sido há muitos anos atrás.

P12: Não, nunca tivemos, mas gostaria de saber mais sobre o assunto.

P11: Não, somente a maternidade me acompanhou até hoje.

P14: Não de forma alguma, somente o meu tempo de trabalho me serve como base.

P16: Não, mas procuro ler sempre, trabalho, mas procuro me orientar.

Duas das respostas, em específico, chamam atenção. Apesar de afirmar que não tiveram nenhuma orientação na graduação, as educadoras afirmam que buscaram fazer especialização na área da Educação Infantil e outros cursos, assim

como aprenderam bastante com leituras e estudos sobre a temática. A experiência como mãe e educadora, associada ao estudo comprovadamente auxiliam o trabalho pedagógico.

P7: Não, pois já faz muitos anos que me formei e foi em áreas específicas, porém com as experiências de vivência como mãe e educadora em CMEI há nove anos. Vamos convivendo, vivenciando e lendo assuntos relacionados a essa temática. Só na pós - graduação que foi em Educação Infantil que vimos este tema. Mas para mim é normal.

P8: Tenho licenciatura em letras, e nesta graduação não é mencionado o assunto. Entretanto fiz alguns cursos após assumir a docência da turma e leio sobre o assunto e o desenvolvimento infantil desde o nascimento das minhas filhas. Isso tem me auxiliado na prática cotidiana, apesar de ser uma fonte inesgotável de surpresas a tarefa é de lidar com os pequenos.

Com relação à qualificação dos professores, Leite (2008) apontou para a necessidade de superação de uma atuação de transmissão de conhecimento que tenha ação voltada para que as crianças sejam obediente, passivas e subordinadas. Ressalta que é preciso formar professores que sejam capazes de atender as reais expectativas de aprendizagem das crianças.

Segundo Nóvoa (1995, p. 25), é imprescindível formar professores, ou contribuir para que eles se formem a si mesmo enquanto docentes, estimulando o professor para uma perspectiva crítico-reflexiva, que lhe forneça os meios de um pensamento autônomo capaz de facilitar as dinâmicas de auto formação. Para esse autor “estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também profissional” (1995, p. 25).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo foi possível realizar uma reflexão sobre a sexualidade infantil e como esse tema tem sido trabalhado pelas educadoras de três instituições educacionais, sendo elas: Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Dorica Vieira Borges, Centro Municipal de Educação Infantil Talita Fernandes Guimarães e Centro Municipal de Educação Infantil Odete de Freitas Camapum.

Após as observações e a pesquisa de campo foi possível perceber que a maioria dos educadores entrevistados não se sentem seguros e capacitados para desenvolver um trabalho consistente referente à orientação sexual das crianças da Educação Infantil. De um modo geral, adotam uma atitude punitiva, de repressão ou orientados por suas vivências enquanto mães, ou ainda, por suas crenças religiosas quando ocorrem manifestações de sexualidade por parte das crianças no ambiente educacional.

De acordo com os autores pesquisados nas investigações pertinentes à temática, a dificuldade de formação adequada a ser oferecida à criança ocorre em virtude das crenças religiosas e culturais dos educadores regularem, na maioria das vezes, uma ação alicerçada por uma postura negativa com relação à sexualidade que os educadores receberam no seu meio familiar. Pelo visto, a ação educativa baseada na experiência de vida do professor não é suficiente e, ainda podendo causar sérios problemas à criança que está em pleno desenvolvimento e formação.

Foi evidenciado ainda que o curso de qualificação frequentado pelos educadores não lhes proporcionou uma formação adequada para lidar com questões inerentes à orientação sexual, apesar de se tratar de um tema transversal e de grande relevância. Porém, o fato de não possuir tal formação não isenta a responsabilidade da instituição e dos educadores no que diz respeito à orientação sexual.

Cabe à instituição promover debates, estudos, palestras e momentos de formação relativos à sexualidade para que os educadores se sintam preparados e seguros para abordar o assunto com as crianças.

Os profissionais das creches e pré-escolas precisam estar preparados para trabalhar com a questão do sexo e sexualidade em seu meio, participando da construção dos conhecimentos da criança de forma lúdica e prazerosa, pois cada vez mais se faz necessário que este tema seja tratado de maneira simples,

respondendo a questões de modo esclarecedor para que crianças e adolescentes não busquem fora deste meio informações erradas para satisfazer suas curiosidades a respeito do sexo.

Por outro lado, é preciso conscientizar os familiares quebrando essas barreiras e livrando-se dos preconceitos, procurar conhecer seus limites, para que possam estar positivamente aptos a dar suporte a criança. Nas instituições, o assunto sexualidade deve ser tema de estudo para que as curiosidades e dúvidas sejam esclarecidas.

As crianças precisam falar livremente sobre seus interesses e curiosidades, cabendo à instituição educacional encontrar caminhos metodológicos para ofertar as informações diversas sobre a temática. Para tanto, precisa criar e elaborar metodologias e estratégias com uma postura pedagógica, visando o desenvolvimento saudável da criança que passará pelas fases de evolução de sua sexualidade sem maiores entraves.

Para que a instituição consiga ajudar a criança a entender sua sexualidade, buscar uma forma de satisfazer sua impulsividade e superar as tensões diárias de modo a oportunizar o ajustamento de cada uma, é preciso organizar um espaço onde as crianças tenham liberdade e sejam estimuladas a esclarecer suas dúvidas, fazendo todos os questionamentos que quiserem. Dessa forma, com certeza o trabalho pedagógico terá resultados mais efetivos, pois as crianças poderão conciliar a instituição como espaço de confiança.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Antropologia e sexualidade**: Consensos e Conflitos Teóricos em Perspectiva Histórica. In A Sexologia, Perspectiva Multidisciplinar, org. Lígia Fonseca, C. Soares e Júlio Machado Vaz, Coimbra: Quarteto, 2005, vol II, pp 53-72.

BASTOS, Cleverson Leite; KELLER, Vicente. **Aprendendo a aprender**: introdução à metodologia científica. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 104 p.

BRAGA, D. da S. **Vidas na fronteira** – corpos, gêneros e sexualidades: estranhando a normalidade do sexo. Anais da 33ª Reunião anual da ANPEd. 17 a 20 de outubro de 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** - 1988. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2001.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069, de julho de 1996.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394\96. Brasília: MEC, 2006.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual** – Ensino Fundamental (1ª à 4ª séries) – Secretária de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF 1997.

_____. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais; pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITZMAN, Deborah. **Sexualidade e cidadania democrática**. IN: SILVA, Luiz Heron. A escola cidadã no contexto da globalização. Petrópolis, Vozes, 1998.p. 154-171.

CHIES, Ligia. 2004. **Sexualidade Infantil**. Disponível em <<http://www.escolamovimento.com.br>>. Acesso em 16/ 06/2016.

COLIN, Claude. **Como falar de sexo com as crianças**. São Paulo: Honor, 1973.

CONSTANTINE, Larry L. MARTINSON, Floyd M. **Sexualidade infantil**: novos conceitos, novas perspectivas. São Paulo, Roca, 1984.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira. **Educação sexual, construindo uma nova realidade**. Salvador: Instituto de Biologia da UFBA, 1995.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. **Entre batons, esmaltes e fantasias**. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 31-40.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo**. Programa de pós-graduação em Psicologia da Educação, PUC-SP, 2007.

FREUD, S. **Três ensaios para uma teoria sexual**. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FUCS, Gilda Bacal. A Educação Sexual na Idade Adulta e na Velhice. IN: RIBEIRO, Marcos (org.), ALMEIDA, Delfina (e. al) **Educação Sexual: novas ideias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1993.

GAMBALE, Carina Alvares. **O trabalho de sexualidade na escola e os pais. Casa do psicólogo**. São Paulo, 2004.

GARCIA, Regina Leite (org.). **Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GARCIA, Aida Cássia Leal; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **Uma experiência de Educação Sexual na Pré-escola**. Paidéia. FFCLRP – USP, Rib. Preto, fev/ago 97.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4^o ed. São Paulo. Atlas S. A, 2002.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo: Atlas, 2005.

KUHLMANN JR., Moysés. **Histórias da Educação Infantil Brasileira**. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: n. 14, p. 5 – 18 mai/jun/jul/ago, 2001. Número especial.

KUPERMANN, Daniel. Afinal, o que fazer com o “Juquinha”? In: DUNLEY, Gláucia (Org.) **Sexualidade & Educação**. Um diálogo possível. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999, pp. 69-100.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3^a ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LEITE, D. M. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 2008.

MAIA, A. C. B.; SPAZIANI, R.B. **Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos**. *Revista UDESC*, 2010.

MAIA, A. C. B. et al. **Orientação sexual para professores: formulário para avaliar a aquisição de conhecimento sobre sexualidade infantil**. *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 107-123, 2006.

MAIO, Eliane Rose. **Educação escolar, palavras e “palavrões”**. Maringá: Unicorpore, 2011, pp.179-202.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, Hucitec-Abrasco, 2004.

NÓVOA, Antonio. (coord). **Os professores e sua formação**. Lisboa-Portugal, Dom Quixote, 1995.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

NUNES, César. **A educação sexual da criança**. 2ª edição. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2012.

_____. **Desvendando a Sexualidade**. 2 ed. Campinas : Papyrus, 1987.

OMS. **Organização Mundial da Saúde**. 1975. Disponível em: <<http://www.who.int/en>> Acesso em: 12/10/2016.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento Humano**. 7.ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

PONTE, Caio. **Psicologia, Amor e Família**. São Paulo: Formar, 1989.

SANTOS, M. A.; ARAÚJO, A. L. C. **As manifestações de sexualidade em crianças na educação infantil**. 2013. Disponível em:<www.uesb.br/eventos/.../matheus-andrade_ana-lucia-castilhano.pdf> Acesso em: 29 jun. 2016.

SEFFNER, Fernando. **Cruzamento entre gênero e sexualidade na ótica da construção da(s) identidade(s) e da(s) diferença(s)**. In: SOARES, Guiomar Freitas; SILVA, Meri Rosane Santos da; RIBEIRO, Paula Regina Costa (Orgs.): **Corpo, gênero e sexualidade. Problematizando práticas educativas e culturais**. Rio Grande/RS: Edit. da FURG, 2006, p.85-94.

SILVA, Maria Cecília Pereira da. **Sexualidade começa na infância**. Casa do psicólogo. São Paulo, 2004.

SILVA, Ricardo de Castro e. **Orientação sexual: possibilidade de mudança na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

STEFANI, Rosaly. **Referencial e PCNs: A leitura de uma contadora de histórias**. São Paulo: Paulus, 2000.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

VARELA, Julia, ALVAREZ-URIA, Fernando. **A maquinaria escolar**. Tradução Guacira Lopes Louro. Revista Teoria e Educação. Porto Alegre, nº 6, 1992. p. 68-96.

VASCONCELLOS, V. M. R. de. **Apresentação:** infâncias e crianças visíveis. In VASCONCELLOS, V. M. R. de; SARMENTO, M. J. (Org.). Infância (in) visível. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007, p. 7- 23.

WINNICOTT, Donald Woods. **A família e o desenvolvimento individual.** Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins, 2008.

_____. **A criança e seu mundo.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2008.

7 ANEXOS



QUESTIONARIO ABERTO

FINALIDADE: PESQUISA PARA ELABORAÇÃO DE MONOGRAFIA

PÚBLICO: PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

ACADÊMICA: CRISTINA FERREIRA DE ARAUJO

ORIENTADORA: CLAUDIA REGINA VASCONCELOS BERTOSO LEITE

JUSTIFICATIVA

Desafios relacionados à sexualidade têm ocorrido frequentemente no contexto educacional. Os professores muitas vezes apresentam dificuldade em trabalhar esta temática. Durante o período de estágio em Educação Infantil do curso de pedagogia da UEG Campus Uruaçu no ano de 2015 foram percebidas situações de manifestação da sexualidade infantil com crianças de zero a seis anos que motivaram um estudo mais aprofundado quanto à questão. Diante disso, estabeleceu-se o objetivo de desenvolver a pesquisa de conclusão de curso para contribuir com os profissionais da Educação Infantil e demais interessados em compreender como lidar com a questão da sexualidade nessa etapa educacional. Esta pesquisa é importante por ser neste período que a criança inicia seu processo de consciência sexual.

Diante de todas essas considerações apresentadas acerca da necessidade desse estudo e que *busco coletar “eventos” de manifestações da sexualidade infantil ocorridos nas Instituições Educacionais* para assim, poder direcionar meus estudos por meio de uma pesquisa aprofundada. Ainda é intenção, contribuir com a formação pedagógica voltada para a atuação consciente do professor nesse processo educativo quanto à sexualidade infantil.

Objetivo

Coletar eventos sobre manifestação da sexualidade infantil para compreender como lidar com tal questão.

Questionário:

Sobre o tema, sexualidade:

1. Sabemos que é visto ainda nos dias de hoje como tabu, mas qual a sua opinião sobre o assunto?

2. Você enquanto professora já se deparou com alguma manifestação de curiosidade em sala de aula? Poderia relatar algum acontecimento?

3. Sabemos que para as crianças é um momento de descobertas, e você como profissional, sabe lidar com essa situação? E como seria abordar esse tema em sala com as crianças pequenas?

4. Em sua opinião, que a instituição poderia fazer para estimular os profissionais da infância a conhecerem melhor este?

- 5) Na sua qualificação você foi capacitado para abordar esse tema em sala de aula? E com crianças pequenas?